

A ECONOMIA DO RECUO: QUANDO CUSTO, PREÇO, LUCRO E GANHO REVELAM A VERDADEIRA ARTE DE ADMINISTRAR A PRÓPRIA CASA

A casa como ponto de partida

A palavra economia vem do grego *oikos*, casa, e *nomos*, gestão ou lei: a arte de administrar a casa (ARISTÓTELES, 2000). Antes de ser ciência de mercado, a economia foi ciência de convivência, o modo como se organiza o espaço comum para que a vida ali dentro seja possível e, com o tempo, farta. Quem sustenta pessoas, situações ou instituições está, no sentido mais originário do termo, exercendo economia: administrando uma casa que não é apenas a própria. O problema começa quando essa administração deixa de distinguir custo, preço, lucro e ganho, e passa a tratá-los como sinônimos de um único sacrifício contínuo.

O custo: o que se gastou sem volta

O custo é o esforço, os recursos e os insumos aplicados para produzir algo. Décadas de sustentar alguém ou algo têm custo real: tempo que não voltou, energia que não se recompôs, atenção que se distribuiu sem reserva. Reconhecer o custo não é queixa, é contabilidade honesta. Quem finge que sustentar nada custou não está sendo generoso, está apenas adiando o balanço.

O preço: o que se paga para se retirar

O preço, por sua vez, é o valor monetário atribuído a uma troca no mercado, a quantidade que se cobra ou se paga para que algo mude de mãos. O texto anterior chamou de preço o desconforto do recuo: o vazio que incomoda quem ficou, a identidade que precisa ser reaprendida por quem se retira. Esse preço existe porque toda retirada é, também, uma transação: devolve-se ao outro a responsabilidade que antes se carregava por ele, e cobra-se, em troca, o direito de finalmente descansar. Ninguém recua sem pagar esse preço, e fingir o contrário seria negar a própria economia da alma.

O lucro: uma conta ainda de mercado

O lucro é o resultado positivo que aparece quando o preço de venda supera o custo total de produção. Aplicado ao recuo, o lucro seria a diferença simples entre o que se cobrou pelo afastamento e o que ele custou para acontecer: o alívio superando o desconforto, o descanso superando a exaustão que restava. Mas reduzir o recuo a esse cálculo seria empobrecê-lo, porque lucro ainda é categoria de mercado, ainda se mede em moeda, ainda compara duas colunas de um mesmo livro contábil.

O ganho: a economia que o mercado não mede

É aqui que o ganho se distingue do lucro com a mesma precisão que separa a economia da casa da economia do mercado. O ganho é a vantagem, o benefício, o acréscimo material e imaterial obtido por meio de uma atividade, transação ou esforço, indo além do aspecto estritamente financeiro para abranger qualquer forma de superação ou resultado positivo. O ganho do recuo, portanto, não aparece

na coluna do preço menos custo, mas aparece onde a economia originária sempre esteve: na gestão da casa interior, no *oikos* que cada pessoa é para si mesma. Quem recua não está apenas lucrando descanso sobre desgaste, mas reorganizando a própria casa segundo uma lei que o mercado não lê e não tributa.

A administração da casa interior

A Pedagogia da Ausência e a Pedagogia do Silêncio, apresentadas nos textos anteriores, são exatamente essa gestão: administram o espaço interior do mesmo modo como o *oikos* grego administrava a casa, distinguindo o que deve ser produzido do que deve ser guardado, o que deve circular do que deve descansar. O silêncio que não se explica é insumo poupado, não perdido; a ausência que se instala é espaço reorganizado, não abandonado. A alma, como a casa, também tem economia, e a economia bem administrada não é a que nunca gasta, é a que sabe quando parar de gastar para voltar a produzir.

O que diz a Escritura

A Escritura confirma essa distinção entre o que se calcula e o que se ganha. Em Mateus 16,26, lê-se: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?” O texto não fala de custo nem de preço, fala de ganho e perda em sentido mais amplo do que qualquer mercado alcança. Em Provérbios 24,3-4, a mesma lógica se aplica à própria casa: “Com sabedoria se edifica a casa, e com inteligência ela se firma; e pelo conhecimento se encherão as câmaras de todas as substâncias preciosas e delícias.” A casa que se enche não é a que nunca abre mão de nada, é a que se administra com sabedoria sobre o que guardar e o que deixar ir.

A lavoura como espelho

Na lavoura, o *pousio* já descrito no texto anterior também obedece a essa economia originária. O agricultor não calcula apenas o preço da safra perdida durante o descanso da terra, mas calcula o ganho de fertilidade que nenhuma safra imediata compraria. É a mesma diferença entre vender uma colheita e herdar um solo. Quem recua sustentando essa distinção não está apenas cobrando o preço justo pelo próprio cansaço, mas administrando, como um verdadeiro *oikonomos*, a casa que mais importa: a que carrega dentro de si e um dia entregará, não vendida, mas herdada, a quem vier depois.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
BÍBLIA SAGRADA. Mateus 16,26; Provérbios 24,3-4.
LOTÉRIO, A. F. *O preço do recuo*. www.ainor.com.br.
LOTÉRIO, A. F. *O ganho do recuo*. www.ainor.com.br.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia e desenvolvedor da Agroteologia. Mestre em gestão de políticas públicas, dedicou quatro décadas à extensão rural, à administração pública e ao cooperativismo, e hoje se dedica à escrita, à palestra e ao Sítio Agrosafia, em Camboriú, Santa Catarina.

Contato profissional para palestras, cursos e participações

ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010